



RELATOS DE VIVÊNCIA DA MONITORIA PBM - A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO SOBRE SABERES INDÍGENAS NA DISCIPLINA DE INICIAÇÃO AO PENSAMENTO CIENTÍFICO NA UNILAB

Tháís Chaves Silva¹
Jon A. M. Cavalcante²

RESUMO

O intuito desse trabalho é compartilhar experiências acerca do exercício do Programa de Bolsa de Monitoria (PBM), a partir da perspectiva da importância de estudar sobre os saberes indígenas em disciplinas ofertadas no primeiro semestre, para alunos que irão iniciar a vida acadêmica em uma universidade que tem como proposta a decolonidade e integração de etnias. A monitoria foi realizada na disciplina de Iniciação ao Pensamento Científico do Bacharelado em Humanidades no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Campus do Palmares e Campus do Liberdade, sob a metodologia de leitura de textos, debates conduzidos e troca de experiências, com o objetivo de desconstrução de preconceitos, melhor integração e inclusão de estudantes de diversas nacionalidades e etnias, respeito e reconhecimento da existência de múltiplos saberes e práticas. Esse registro busca evidenciar que além de contribuições teóricas, que favorecem a formação do estudante, também há o impacto da consequência da abordagem desse conteúdo nas relações interpessoais, que também são vitais, para a universidade e a sociedade.

Palavras-chave: Diálogo; Saberes; Ingressos; Indígenas.

UNILAB, Ceará , Discente, thaischaves@aluno.unilab.edu.br¹
UNILAB, Ceará , Docente, joncavalcante14@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda sobre aprendizados oriundos da experiência de monitoria no componente curricular Iniciação ao Pensamento Científico do primeiro semestre do Bacharelado em Humanidades (BHU), em especial, quanto à importância de se abordar sobre a existência de diferentes saberes em disciplinas de início de graduação, de modo específico, dos saberes indígenas. O Programa de Bolsa de Monitoria (PBM) envolve uma bolsa lançada pelo edital da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), onde alunos/as veteranos/as são incentivados/as à docência a partir de um maior contato com os bastidores do processo de organização das disciplinas, com o/a docente e com os/as estudantes. A disciplina de IPC faz parte da matriz curricular do primeiro semestre e a importância da monitoria nessa etapa de transição para o início de uma vida acadêmica é crucial, para a orientação e facilitação de repasse de informações, entendimento de termos acadêmicos e de atividades, ou seja, da integração com a vida universitária. Assim, a monitoria foi realizada na componente de Iniciação ao Pensamento Científico (IPC), essa disciplina visa introduzir ao conjunto de discentes a aspectos básicos acerca dos saberes científicos os quais serão fundamentais para o desenvolvimento de sua vida acadêmica, promovendo um olhar crítico e comprobatório, com o reconhecimento da existência de múltiplos métodos e perspectivas epistemológicas. Além disso, destaca-se também a diferenciação dos muitos saberes que constituem as experiências humanas e os modos de entendimento da vida. Dessa forma, em IPC, estudantes conhecem elementos sobre a história da Ciência Moderna: onde ela está no nosso cotidiano para além dos livros, como podemos exercê-la de forma responsável, aspectos metodológicos introdutórios, a ética nos processos das pesquisas e uma visão geral das Ciências Humanas. Nesses conteúdos, existiu uma oportunidade para tratar em relação ao racismo epistemológico, pois, por não seguirem os métodos “formais” ancorados nas perspectivas cartesiana e positivista, bastante sedimentadas no mundo acadêmico, ainda é pouco considerada a existência, nas palavras de Cajete (2000), de saberes que possam expressar uma “ciência indígena” ou um conhecimento produzido através de epistemologias originadas de lugares e cosmovisões não europeias, ocidentais. De acordo com Oliveira (2010), é o que autores como Aníbal Quijano definem como “colonialidade do saber”, entendida como a desqualificação de formas de produção de conhecimento não eurocêntricas, o que proporciona a negação do legado intelectual, experiencial e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, por pertencerem a “outra raça”. Durante a monitoria em IPC, em concordância com a potencialidade da proposta decolonial da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), foi fortalecida a compreensão da vitalidade de saberes dos povos indígenas e da pertinência de sua maior participação e visibilidade nos currículos e na formação de discentes. Inclusive, para que haja um melhor diálogo e interação entre os saberes científicos e indígenas, bem como entre universitários/as de diversas realidades sociais, nacionalidades, gerações e identidades. Nos currículos formativos no ensino superior, de modo geral, ainda existem poucas cadeiras a abordar aspectos culturais e históricos dos povos originários, de seus saberes e da relevância do diálogo entre saberes, então é imprescindível que nas disciplinas ofertadas estejam também destacadas as perspectivas desses povos. A experiência de monitoria em IPC do BHU foi enriquecida por essas discussões e demonstra o quão oportuno é esse debate nos semestres iniciais da vida acadêmica não apenas no contexto formativo das Ciências Humanas, mas dos vários cursos universitários.

METODOLOGIA

A monitoria funcionou através do acompanhamento e do auxílio aos estudantes novatos/as sobre os



conteúdos das disciplinas, embora não haja uma obrigação do/a monitor/a assistir às aulas juntamente com a turma de alunos/as, torna-se mais prático e proveitoso contribuir também com observações e comentários em sala que possam incentivar discentes a se sentir mais confiantes para a participação na aula e assim dinamizar a partilha de informações e saberes. Além disso, por meio desse convívio em sala de aula, construiu-se uma melhor relação entre monitora e estudantes, o que facilitou entender as dúvidas da turma em relação a partes dos conteúdos apresentados em aula. A convivência em sala aproximou dos/as estudantes, o que possibilitou uma maior proximidade, interação e confiança para se conversar sobre as dificuldades ao longo das aulas, pois alguns tinham vergonha de perguntar diretamente ao professor. Além dessa interação em sala, existiram os acompanhamentos individuais e coletivos, como momentos de tiradúvidas, onde eram discutidas e explicadas algumas questões sobre os conteúdos. Esses momentos aconteceram tanto presencial como online. Nas aulas, houve muitas formas de iniciar as reflexões sobre as temáticas de IPC, inclusive ao serem destacados em estudos multi e transdisciplinares. Como, por exemplo, ao serem abordadas as interações já existentes entre os saberes acadêmicos e indígenas, em temas como meio ambiente, educação diferenciada, práticas de saúde - com as relações entre o pensamento biomédico e as medicinas tradicionais. Sempre com realce ao respeito mútuo entre profissionais da saúde ou da educação e os povos indígenas. Sobre esse tema, contou-se com o auxílio dos textos “ O índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje” e “Uma introdução à ciência indígena e suas leis naturais de interdependência”, com enfoque na existência e nas relações com outros tipos de saberes. A promoção de debates sobre o tema, compartilhamento de vivências em sala e conhecimentos sobre elementos da ciência estavam ao nosso redor e fazendo a mediação da aprendizagem de uma turma formada por ingressantes, de diversas nacionalidades, com seus múltiplos saberes de experiência e socioculturais a qualificar as trocas e reflexões. A monitoria, dessa maneira, contribuiu para o fortalecimento desse processo e as discussões dessa temática geraram uma ampliação perceptiva tanto para a turma como para a monitora. E essa metodologia empregada possibilita apontar a pertinência da presença da temática dos saberes indígenas em componentes como Iniciação ao Pensamento Científico, de semestres iniciais da graduação, sobretudo, na Unilab, que traz em sua missão institucional a integração entre saberes e povos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as aulas, foi possível problematizar o monopólio do conhecimento eurocêntrico que ainda ocorre através da deslegitimação de conhecimentos que tenham origem de povos originários. Foi destacado o modo como esse aspecto fortalece o preconceito com saberes desses povos por não serem condizentes com os padrões epistêmicos e metodológicos da ciência moderna, por não contemplarem a visão de mundo hegemônica ocidental. Através disso, esse pensamento predominante incentiva a ideia de que os saberes indígenas não são prioritários para a formação de estudantes, sobretudo, universitários. Ao estudar sobre as especificidades de formas e características de saberes indígenas, o/a estudante que, talvez nunca tenha tido acesso a informações mais detalhadas dos povos originários, pode visualizar a existência de uma diversidade de experiências e romper com os resquícios eurocêntricos da ciência e da sociedade, ao entender que conhecimentos podem ser produzidos e podem se manifestar de muitas formas, dependendo dos povos e suas realidades culturais. Ao expor esse assunto, os/as alunos/as experimentaram uma nova perspectiva, ao debater a oportunidade e a potência de trocas interculturais dentro de sala de aula. Acredita-se que a integração proposta pela UNILAB pode se tornar mais consolidada a partir do momento em que a integração envolve a vinda e interação cotidiana entre estudantes de vários povos, mas também com o aprendizado e respeito sobre a cultura e os saberes do outro. O encontro e o diálogo entre saberes pode promover a quebra



de “pré-conceitos”, de estereótipos e promover a visibilidade de novos conhecimentos. Muitos/as alunos/as, oriundos/as do ensino médio, ainda não têm a dimensão dos saberes além da matriz curricular escolar obrigatória, que, muitas vezes, não fala ou aborda de modo insuficiente sobre outras culturas, saberes, que, historicamente, passaram por processos de deslegitimação colonial. Com um pequeno incentivo do professor e principalmente da aluna monitora, esse/a estudante ingressante no contexto universitário pode ser encorajado/a a partilhar sobre sua experiência, do que sabe, e então, outros/as estudantes também são inseridos/as nesse debate como sujeitos aprendentes dos diferentes saberes existentes.

CONCLUSÕES

Considera-se que, a forma como a monitoria foi realizada e a temática acerca dos saberes indígenas indicam a relevância da abordagem dessas questões nos semestres iniciais em IPC e do diálogo na universidade de modo que o convívio entre universitários/as de diferentes características étnico-raciais possa ampliar seus saberes, tornar mais suscetíveis a refletir e a respeitar diferenças socioculturais. Ter a consciência de que invalidar um conhecimento por ser de uma outra origem, é uma lógica colonial de relacionar o conhecimento a apenas um lugar dominante, de associar saberes e práticas a um senso inferior, resultando em uma hierarquização dos saberes. Os debates, as indagações e informações partilhadas no exercício da monitoria contribuíram na percepção de que desenvolver esse assunto na disciplina de Iniciação ao Pensamento Científico do BHU, alcançando o horizonte crítico, dialógico e interdisciplinar do curso. Contribuiu de forma vital para que, mais que um repasse de conteúdo, seja uma experiência de transformação social entre estudantes, veteranos e novatos de nacionalidades e etnicidades diferentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao tão paciente orientador, que sempre esteve disposto a me ajudar e que me inspirou com sua metodologia em sala de aula.

REFERÊNCIAS

LUCIANO, Gersem dos Santos. O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério de Educação, SECAD, 2006. BICALHO, Charles. Uma introdução à ciência indígena e suas leis naturais de interdependência. Em Tese, v. 23, n. 1, p. 217, 16 mar. 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/1982-0739.23.1.217-224>. Acesso em: 10 out. 2023. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista, v. 26, n. 1, p. 1540, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-46982010000100002>. Acesso em: 31 out. 2023.